

## **A sociologia crítica e uma perspectiva ética em tempos líquidos: Zigmunt Bauman e uma reflexão sobre o estado do mundo no século XXI**

### **ENTREVISTA com Luis Carlos Fridman**

**Luis Carlos Fridman** é doutor pela Sociedade Brasileira de Instrução – SBI/IUPERJ; professor titular da Universidade Federal Fluminense, no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito (PPGSD). Tem experiência na área de Teoria Sociológica, atuando principalmente nos temas da globalização, política, Brasil, teoria social contemporânea e subjetividade. Integra o grupo de pesquisa Cevis, com trabalhos sobre a violência na cidade do Rio de Janeiro, especialmente nas favelas e bairros empobrecidos.

**Metaxy:** *Nas suas palestras, aulas, pesquisas e no seu livro Vertigens Pós-Modernas: Configurações Institucionais Contemporâneas, você incorpora e destaca inúmeras categorias e análises de Zygmunt Bauman, ao lado de contribuições de Jürgen Habermas, Anthony Giddens e Richard Sennett. Situe a contribuição e alcance da obra de Bauman como uma das bússolas da sociologia contemporânea para fazer as cartografias e os mapas para compreender os conflitos e desafios para uma leitura da contemporaneidade.*

**Luis Carlos Fridman:** Zygmunt Bauman tem um diagnóstico que orienta as suas investigações nas diversas áreas do convívio humano na contemporaneidade, que é o diagnóstico da *liquidez*. O que está envolvido nesse conceito? Principalmente a ideia de que as instituições e os vínculos humanos podem ser desmantelados com extrema rapidez, o que gera um forte sentimento de insegurança. Daí o imenso prestígio das noções de “desregulamentação”, “liberalização”, “flexibilização”, “fluidez” e o descontrole sobre os mercados financeiro, imobiliário e de trabalho, como está escrito no livro *Modernidade líquida*. Um exemplo disso é o desmantelamento das redes de proteção social e a assimilação do preceito de que os seres humanos são responsáveis pelos seus infortúnios, rompendo brutalmente a concepção do *Welfare State* de que a sociedade é responsável pela proteção de seus contingentes mais vulneráveis. O filme “*Eu, Daniel Blake*”, de Ken Loach, é um magnífico relato cinematográfico dessas circunstâncias. Como diz Richard Sennett, o sistema se caracteriza atualmente pela

“força dos laços fracos”. Na condução da produção da vida material, Bauman nomeia esse processo de “economia política da incerteza”.

Além disso, tal dinâmica institucional gera o afastamento dos indivíduos entre si, a erosão da solidariedade social e os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas. As pessoas se encontram intimadas a resolver particularmente os problemas cuja origem é social. Anteriormente, a agregação dos infortúnios se processava no que Bauman chama de “quadro da moldura de classe”. Em vista da dinâmica institucional que se observa nas últimas décadas, a personificação das dores sociais na figura de líderes que encarnavam demandas coletivas é substituída por uma infinidade de “conselheiros”, cujos serviços à venda no mercado oferecem “soluções individuais” para dramas cuja origem é social. É uma espécie de “salve-se quem puder” como orientação pública e a ostentação perversa de cada um ser o empresário de si mesmo.

**Metaxy:** *Um dos elos que marca a narrativa da contemporaneidade como herança maldita do século XX é o tema do holocausto, a questão do genocídio, a razão cínica e as forças perversas que visam o apagamento e o esvaziamento do seu impacto na constituição do quadro permanente de limiar ético político para o que podemos chamar de humanidade. O racismo e a fabricação da morte com suportes em regimes totalitários continuam se projetando nas leituras histórica, política e sociológica, com destaque para leituras diferentes e ou complementares que destacam a questão da barbárie como um dos resultados do progresso e em nome da razão. As mortes metódicas e o retorno do tema da exceção e do homo sacer com Giorgio Agamben, e a continuidade da discussão que parte do resgate das leituras de Walter Benjamin, Theodor Adorno, Hannah Arendt e a antropologia política de Étienne Balibar, colocam em pauta questões que atravessam e dialogam com a contribuição de Bauman, em especial como em Modernidade e Holocausto. Qual a relevância desse debate na atualidade e em especial no Brasil?*

**Luis Carlos Fridman:** Bauman desloca o olhar para outro lado da globalização, que é o da transformação da força de trabalho, dos miseráveis e dos desabilitados em refugio humano. O contraste é flagrante com o desenvolvimento do capitalismo até algumas décadas atrás, quando as massas pobres ou temporariamente desalojadas da divisão social do trabalho faziam parte do exército industrial de reserva. Pelas facilidades

oriundas da revolução tecnológica e da comunicação eletrônica instantânea, a atividade econômica dispensa raízes firmemente fincadas nas localidades e territórios e, segundo as palavras de Bauman, “o capital tem pouca dificuldade em desmontar as suas tendas”. O capital é nômade e a força de trabalho, em termos gerais, sedentária. O “refúgio humano” é visto com gente dispensável: pobres, famintos e dispensáveis para o trabalho contribuem com nada, tiram o dinheiro do contribuinte e oneram o Estado para financiar políticas sociais. Esses “consumidores falhos” (outra expressão de Bauman) não serão reabilitados para o mundo do trabalho porque a sociedade não precisa deles. Cria-se assim uma nova estratificação social, segundo capacidades de movimento no tempo e no espaço que definem, segundo Bauman, “a extraterritorialidade da nova elite e a territorialidade forçada do resto”. A globalização aumenta o fosso entre os que estão “dentro” e os “de fora”, que tanto podem estar nas economias mais sólidas ou no mundo periférico.

Bauman traz o exemplo da prisão de Pelican Bay, na Califórnia, que pode ser estendido como metáfora geral à condição do refúgio humano. Ali, se faz a experiência do encarceramento *high tech*. Os prisioneiros ficam em celas sem janelas, não trabalham, não têm acesso à recreação, os guardas se comunicam com eles através de alto-falantes e raramente são vistos. Na exclusão absoluta, não há qualquer intenção de correção, manutenção, integração ou reforço mínimo de laços humanos e sociais. Esse é o laboratório do processamento do refúgio humano em teste, já que a sociedade não tem mais interesse em reeducar para o trabalho ou para a produtividade. Trata-se agora da “limpeza”, da “higiene social”, ou seja, a eliminação da “impureza social”. Estendendo a metáfora, o destino do refúgio humano é o lixo, assim como eletrodomésticos cujo reparo dos defeitos é mais caro que um novo exemplar. É a política social de “deixar definhar”. No Brasil, essa política se faz sem alta tecnologia, é matança mesmo.

**Metaxy:** *Raros cientistas são pensadores, raros sociólogos têm uma obra tão profícua, com impacto público e qualidade de escrita como a obra dessa força intelectual tão produtiva quanto a que resultou na atividade febril de Zygmunt Bauman, que o tornou um narrador privilegiado da cena contemporânea. O panorama e a diversidade da sua atividade de sociólogo da vida cotidiana, de estudioso da trajetória da modernidade não poderiam ter se realizados sem uma referência decisiva ao filão da reflexão ética. Um engajamento filosófico e uma perspectiva de resgate de uma leitura ontológica do*

*sujeito dos direitos e da cidadania tendo em conta a questão da ambivalência da reprodução social e da reflexividade na modernidade técnica e a dimensão de individualismo, consumismo e precariedade da vida líquida marcam seus títulos. Como pensar essa necessária articulação da dimensão ética e sociológica na leitura da vida cotidiana e no mal-estar da contemporaneidade para pensarmos as vidas desperdiçadas e o resíduo a que chegamos como uma marcada de uma reflexão crítica sobre a desigualdade? Não seria essa a questão que tornaria um pensador tão clássico e ocidental um homem tão próximo das periferias e dos subalternos?*

**Luis Carlos Fridman:** A reflexão de Bauman sobre o individualismo e o consumismo não se reduz à interpretação consagrada desses fenômenos como resultantes da complexificação ininterrupta da vida social. A partir do diagnóstico da liquidez, Bauman procura compreender como as condições sociais contemporâneas afetam decisivamente a natureza dos vínculos entre os indivíduos de uma forma mais precisa. Veja-se o caso dos vínculos amorosos. Bauman salienta que nos tornamos “consumidores de experiências e sensações” nas quais os êxtases são sempre os próximos, neutralizando as dificuldades e agonias próprias de relações duradouras. Este é o ponto: *relações duradouras, o que não quer dizer que sejam relações harmônicas*. Em suma, amar dá trabalho. Explicando melhor: o sofrimento ou a tentativa de sua atenuação no processo de autoconstrução lança os indivíduos em outra direção, a da aquisição de “maneiras de ser”. Empenhar-se em relações duradouras, cujas compensações no presente e no futuro implicam graus variados de frustração (ou de gratificação), pode ser evitado ou contornado por serviços contratados. Esta é a origem do conceito de “identikit”, formulado por Bauman em *Modernidade e ambivalência*.

É possível comprar “maneiras de ser”, kits de identidade feitos “sob medida”. O mercado encontra-se preparado para saciar essas demandas e oferecer uma gama constantemente renovada de produtos para a “autoconstrução”. A narrativa inescapável e intransferível do ser, pelo cumprimento do trajeto de vida, tem suas dores amenizadas pela aquisição de “mercadorias de ser”. Esvai-se assim o valor de vidas cultivadas na companhia dos outros. A “modernidade líquida” apresenta um estado permanente de pressão para despojar o destino individual de toda interferência coletiva. A erosão da solidariedade e do compartilhamento do destino de outros seres humanos incide diretamente sobre a consciência da desigualdade.

**Metaxy:** *O peso do medo na modernidade e a reflexão sobre as formas e a cultura da violência na cidade tornam Z. Bauman um estudioso que acompanha as tendências articuladas do warfare, do lawfare e do workfare que se projeta no panorama urbano, no ajuste espacial do século XXI. A agenda de pesquisa interdisciplinar, que articula os temas da contemporaneidade com base na sociologia crítica de Bauman, ganha peso decisivo nos estudos de ética na política, de subjetividade, de direitos humanos e de relações internacionais, mas gostaríamos de saber sua opinião. Poderíamos situar sua obra como uma leitura que resgata a centralidade da questão da dimensão da esfera pública como uma categoria estratégica para recolocar o tema da autonomia e da política na escala dos desafios representados para enfrentar a questão-chave da brutalidade e do racismo que se atualizam na forma dos ambientes “negativamente globalizados” de que nos fala em Medo Líquido?*

**Luis Carlos Fridman:** Sem dúvida a preocupação com a participação na esfera pública é central na obra de Bauman. Pelo que mencionei anteriormente, nos contornos institucionais da condução da experiência cotidiana, observa-se a destruição das pontes entre a esfera privada e a vida pública que entrelaçariam os padecimentos individuais às demandas da agregação solidária. Por isso, Bauman se detém no exame da distinção entre “líderes” e “conselheiros”, que denota as alterações que afetam a participação política e pública de indivíduos e grupos. Se as vias de comunicação política entre a vida privada e a esfera pública estão obstaculizadas, os efeitos de deslocamento da política se fazem presentes. Por exemplo, ao invés de se combater as causas que afetam a todos, combate-se o “inimigo próximo”, que pode ser o negro, o muçulmano, o imigrante, o diferente ou aqueles que têm outra orientação sexual. Esse é o império de política do medo, que rende altos dividendos políticos aos políticos conservadores e à direita. A política do ódio está mais do que nunca presente.

**Metaxy:** *No início de 2017, podemos considerar a obra de Bauman uma ponte, um elo de passagem, uma contribuição para o uso da noção de metaxy. A recepção pública da obra de Bauman para as leitoras e os leitores deste vasto painel sobre a condição pós-moderna pode contribuir para entendermos os fenômenos da fragmentação na globalização, de modo a ultrapassarmos conservando criticamente uma reflexão sobre identidade na constituição de uma teoria da ação? Por que ler Zygmunt Bauman é fundamental para repensar a arte da vida rompendo com a razão cínica? O que a obra*

*desse grande pensador oferece para a geração, que lançou a máxima de que outro mundo é possível, mais a geração dos movimentos em rede, das primaveras e das ocupações, uma vez passada a primavera e diante [das temperaturas extrema do mundo?]? O que fazer com a radicalidade e prudência da escrita e da palavra de Bauman, que soube traduzir de forma tão precisa as incertezas do novo século?*

**Luis Carlos Fridman:** Bauman foi um pensador que sempre manteve no horizonte de suas investigações as aspirações da “boa sociedade” ou, nos termos da sua pergunta, “a máxima de que outro mundo é possível”. Sua obra trouxe advertências que procuraram mostrar que a liberdade dos estilos de vida não deve servir de charme irresistível de uma individuação que prescindia da solidariedade sem interpelar de forma enérgica os novos poderes constituídos. Os desejos de felicidade e de autorrealização em um contexto de isolamento ou de individualismo extremo, carentes de vitalidade pública, se transformam em “utopias privatizadas”. A “prudência” de Bauman traz também a chama de uma subversão que se alimenta da possibilidade de buscar as fontes de motivação social para participar ou interferir na esfera pública.

(Perguntas elaboradas pelo professor Cunca Bocayuva do NEPP-DH, editor da Revista Metaxy)